

A mulher duplamente subversiva em *Outros Cantos*, de Maria Valéria Rezende

The doubly subversive woman in Outros Cantos, by Maria Valéria Rezende

Sávio Roberto Fonseca de Freitas¹

Raíza Hanna Saraiva Milfont²

Resumo: Em *Outros Cantos*, de Maria Valéria Rezende, acompanhamos a personagem Maria, que em uma viagem de ônibus sertão nordestino adentro, mergulha em suas recordações de viagens que fizera outrora, especialmente aquela que fez a Olho D'Água, vilarejo do mesmo sertão que cruza agora e que esteve hospedada quarenta anos antes. A protagonista viajou a Olho d'Água disfarçada de professora do Mobral, quando na verdade era uma militante comunista que tem como missão articular um levante popular, misturando-se e conscientizando os sertanejos dos desmandos de quem estava no poder, em plena ditadura militar. A partir dessa narrativa trazida pela memória a partir de deslocamentos, este artigo teve como objetivo refletir a respeito da representação da mulher no cenário ditatorial brasileiro nesta obra contemporânea, discutindo sobre a militância feminina que, no caso de Maria, é realizada de maneira descentralizada, no meio rural. Foi feita uma revisitação histórica-teórica da Crítica Feminista, que buscou desvelar as vozes que sofrem sistematicamente com apagamentos. A investigação foi realizada com recortes de porções narrativas significantes da obra a respeito da categoria analítica escolhida, entrecruzados com os dados teóricos levantados. Concluiu-se que obras como a da autora aparecem como ricas narrativas onde é possível traçar perspectivas a respeito da memória e da atuação feminina durante a ditadura civil-militar brasileira.

Palavras-Chave: Mulher militante; crítica literária feminista; ditadura militar brasileira.

Abstract: In *Outros Cantos*, by Rezende, we accompany the character Maria, who immerses herself in a trip inside the Brazilian Sertao by bus, immersing herself in her travel memories she had made, especially the one she made to Olho D'Água, a village in the same Sertao that crosses now and that she was staying forty years before. The protagonist traveled to Olho d'Água disguised as a teacher at the Mobral, when in fact she was a communist militant whose mission was to articulate a popular uprising, mixing and raising awareness among the backlanders of the excesses of those in power, in full military dictatorship. Based on this narrative brought by memory from displacements, this article aimed to reflect on the representation of women in the Brazilian dictatorial scenario in this contemporary work, discussing the female militancy that, in Maria's case, is carried out in a decentralized way, in rural areas. A historical-theoretical revisitation of the Feminist Criticism was made, which sought to unveil the voices that systematically suffer from blackouts. The investigation was carried out with clippings of significant narrative portions from the work regarding the chosen analytical category, intertwined with the theoretical data raised. It was concluded that works like the author's, appear as rich narratives where it is possible to draw perspectives regarding the memory and female performance during the Brazilian civil-military dictatorship.

Keywords: Militant women; critical feminist theory; Brazilian military dictatorship.

Primeiras colocações

A crítica literária feminista tem aberto um espaço importante para o estudo da voz de autoria feminina dentro da literatura mundial, buscando desvelar os espaços e valores destinados à mulher enquanto leitora e escritora, bem como “os traços de

¹ Doutor em Letras. Professor de Literaturas de Língua Portuguesa do DL-CCAE e do PGL/UFPB. Lattes: lattes.cnpq.br/6320246955492429; ORCID: orcid.org/0000-0001-7541-3377. E-mail: savioroberto1978@yahoo.com.br.

² Mestranda em Letras pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Lattes: lattes.cnpq.br/4217014327877593; orcid.org/0000-0002-8281-9743. E-mail: raizahanna@gmail.com

patriarcalismo que perpassam a obra” (ZINANI, 2018). Neste sentido, analisar uma obra literária a partir dos problemas de gênero traz apontamentos significantes e significativos para o reconhecimento das desigualdades sociais, culturais, econômicas e políticas impostas à mulher historicamente, podendo, inclusive, desvelar narrativas contra-hegemônicas sobre momentos históricos, trazendo um contraponto imprescindível para a linguagem oficial que obteve sempre o crédito total dos fatos históricos.

Dentro desse contexto, o quarto romance de Maria Valéria Rezende, *Outros Cantos*, escrito em 2014, é costurado sob uma narrativa de autoria feminina que se emaranha com um doloroso momento histórico brasileiro, a ditadura civil-militar que esteve em vigor entre 1964 a 1985. Na obra, Maria é a personagem-narradora que, através de lembranças, conta a sua história como militante massista³ durante o período ditatorial, onde agiu de forma mais descentralizada e através da educação popular. Suas lembranças viajam por alguns lugares – sempre desérticos e solitários – no mundo, mas sobrevoam principalmente o sertão de Olho D’Água, vilarejo do nordeste brasileiro em que esteve disfarçada de professora do Mobral, projeto de alfabetização de adultos criado pelo governo militar na década de 1970.

A obra de Maria Valéria Rezende nos traz reflexões que são caras à Teoria Feminista e à Crítica Literária Feminista, em especial às teorias feministas contemporâneas, como a subversão vivenciada por uma mulher militante. São abordadas ainda outras questões importantes para a luta feminista, como a violência contra a mulher, a violência doméstica e sororidade, ou melhor, “uma possível sororidade” ocorrida entre as principais personagens do romance. “Possível” no sentido de haver uma ajuda mútua entre as duas mulheres, mas não por serem mulheres, o que ensejaria o termo sororidade, pelo menos não conscientemente.

A narrativa também carrega fortes posicionamentos políticos e econômicos a respeito do desenvolvimento da região nordeste do Brasil, acontecido nas últimas décadas. Posicionamentos que são levados por pensamentos questionadores sobre a globalização capitalista que atingiu o Nordeste nos últimos anos, onde a personagem

³ Termo que significa uma posição de militância oposta à militância armada, também conhecida como “militância desarmada”. Segundo Conceição (1999) “A educação será entendida, aqui, portanto como formação política (e não em sentido estrito de preparação de mão-de-obra) e a educação dos militantes partidários como iniciativa de socialização, de preparação para o exercício de atos políticos, de democratização política, de doutrinação que visa o ‘desenraizamento do mundo burguês’, ou de eliminação das ‘estruturas mentais e da imaginação política moldadas pelo capital’.”

traz pontos de convergência e divergência entre sertão dos anos 1970, sem recursos e fechado em sua própria cultura, e um sertão da segunda década do século XXI, com acesso a mais recursos e totalmente aberto ao que vem de fora, mesmo que com escassa contextualização cultural exterior para seus habitantes.

Posto esse apanhado geral do romance, o artigo aqui presente se propõe, através da narrativa de Rezende, focar no tema da subversão da personagem Maria, e pensar sobre o papel da mulher na militância política, especialmente dentro de um regime ditatorial, abarcando as teorias da crítica feminista que serão revisitadas como aporte para o desenvolvimento da análise.

Crítica literária feminista: um caminho epistemológico para a literatura contemporânea de autoria feminina

Com o surgimento da psicanálise freudiana, no começo do século XX, e a descoberta do subconsciente, o mundo começou a entender que não havia apenas uma só perspectiva de visão sobre a realidade, compreensão alimentada ainda mais pela filosofia existencialista. As narrativas eram múltiplas, uma vez que cada ser humano percebia o mundo à sua maneira dependendo do que foi construído em sua psique. Dentro desta revelação, a Literatura, a História e outros campos de saberes passaram a não se conformar com a unicidade da historiografia e do cânone literário, iniciando mudanças referentes aos discursos e narrativas oficiais. As vozes marginalizadas, ou ainda excêntricas (no sentido de estar fora do centro), começaram a ser desveladas e a assumirem um lugar de importância nunca antes atingido.

A narrativa de autoria feminina e feminista, então, começou a ganhar cada vez mais espaço dentro da literatura, bem como sua crítica. A crítica literária feminista anda lado a lado com o feminismo enquanto movimento social, que já vinha em ascensão desde a Revolução Francesa. Assim, Mary Wollstonecraft surge, em 1792, com *A vindication of the rights of woman*, um manifesto sobre os direitos das mulheres, que se tornou um marco para a literatura feminista. Nos Estados Unidos, em 1848, houve o primeiro congresso de mulheres, que ficou conhecido como Convenção de Seneca Falls, onde mulheres de todo o país discutiram sobre seus direitos e pensaram sobre a reivindicação do sufrágio feminino. Para Nattie Golubov (2012, p. 9, tradução nossa), “a essas precursoras podemos chamar de ‘protofeministas’, já que o termo feminismo (...)”

criou seu significado atual para identificar um movimento da década de sessenta, o Movimento de Liberação Feminina”⁴.

O movimento feminista e sua literatura ganhou mais força durante o século XX. A partir de então, convencionou-se dividir sua movimentação em ondas. A primeira onda abrange os escritos realizados por Virgínia Woolf e Simone de Beauvoir, na primeira metade do século XX. Essas autoras pensavam em um feminismo que abordava mais os problemas dos direitos civis, o sufrágio feminino e o conceito de igualdade. Na sua obra de maior sucesso, *Um teto todo seu*, de 1928, Woolf debate a respeito da falta de condições materiais da mulher, que inviabiliza a sua total expressão artística. A escritora também acreditava que a expressão escrita, quando de autoria feminina, era diferenciada, uma vez que suas experiências sociais, materiais e psicológicas também eram.

Simone de Beauvoir, através da filosofia existencialista, ocupou-se em traçar um panorama histórico da mulher e investigar o lugar designado a ela dentro da sociedade. Em *O Segundo Sexo*, de 1949, Beauvoir verifica que o espaço que se destina à mulher é o privado, sendo ela, desta forma, cerceada ao ambiente doméstico e suas atividades cotidianas, enquanto as atividades públicas, assim como seu espaço físico, foram reservados aos homens, sendo eles, então, os responsáveis pela criação das leis e regulamentação de costumes, possuindo maior liberdade de criação e expressão. Para a escritora, a mulher por si própria se coloca no lugar do Outro e acaba não criando uma expressão de maior autoria.

Os trabalhos domésticos a que está voltada, porque só eles são conciliáveis com os encargos da maternidade, encerram-na na repetição e na imanência; reproduzem-se dia após dia sob uma forma idêntica que se perpetua quase sem modificação através dos séculos; não produzem nada de novo. (BEAUVOIR, 1949, p. 83).

A segunda onda feminista surgiu em meados dos anos 60 e 70, e abordou questões mais ligadas ao corpo e sexo feminino, pregando principalmente a liberação da mulher. As teóricas críticas dessa onda passaram a basear seus estudos no conceito de *difference* preconizado pelo teórico francês Derrida. Aqui, as estudiosas passaram a pensar a respeito da diferença do *ser* mulher, e colocar em xeque a versão

⁴ No original: “a estas precursoras podríamos describirlas como “protofeministas”, pues el término de feminismo (...) cobró su significado actual para identificar un movimiento social en la década de los sesenta, el Movimiento por la Liberación de la Mujer”.

de um mundo construído hegemonicamente pelo homem, através da ideia de desconstrução da arte literária e do cânone estabelecido. A desconstrução é posta em discordância do construcionismo, que para Fuss (1989) é “articulado em oposição ao essencialismo e voltado para a refutação filosófica deste último, insiste no ponto de que a essência é ela própria uma construção histórica”. Essas autoras também se apoiaram nos estudos psicanalíticos de Lacan, que fez uma releitura das teorias freudianas relacionadas ao complexo psicológico feminino.

A crítica literária feminista neste período pode ser vista sob dois grandes braços: a anglo-americana e a francesa. Entre as críticas anglo-americanas, os trabalhos de Kate Millet, Elaine Showalter, e Sandra Gilbert & Susan Gubar se destacam. Kate Millet promoveu uma modalidade crítica feminista que se opunha ao *New Criticism*, indagando a respeito do ponto de vista da leitora. Showalter, por sua vez, divide o que chamou de Crítica Literária Feminista da concepção de Ginocrítica. A primeira abordagem teria um conceito mais ligado à mulher enquanto leitora; a segunda, à mulher enquanto escritora. As autoras Sandra Gilbert e Susan Gubar, no texto *Infeção na sentença: a escritora e a ansiedade de autoria*, trazem uma contribuição interessante a respeito da ansiedade que as mulheres escritoras sofrem por não possuir predecessoras, já que o cânone literário é constituído por homens, o que não reflete as necessidades e vivências das mulheres, pois “os precursores masculinos da escritora simbolizam a autoridade” e “falham em apontar meios pelos quais ela experimenta sua própria identidade como escritora”. (GILBERT & GUBAR, 1965, p. 192).

Na crítica feminista francesa, um destaque foi o estudo sobre uma possível “escrita feminina” de Hélène Cixous, principalmente em seu texto mais famoso *O riso da Medusa*, de 1975, onde vincula a sexualidade com textualidade e defende o direito da mulher ao próprio corpo para que assim ela possa ter uma maior desenvoltura também no processo artístico e de escrita.

E por que não escreves? Escreve! A escrita é para ti, tu és para ti, teu corpo é teu, agarra-o. Eu sei por que não escreveste. (E por que eu mesma não escrevi antes de vinte e sete anos.) Porque a escrita é ao mesmo tempo o demasiado alto, o demasiado grande para ti, é reservado aos grandes, ou seja, aos “grandes-homens”; que “besteira”! (CIXOUS, 1975, p. 131).

A terceira onda feminista, ou ainda chamada pós-feminista por algumas autoras, é o movimento que ocorreu a partir dos anos 80, chegando aos dias atuais. Esse

movimento seria uma prolongação da onda anterior, sendo, por isso, chamada de pós, uma vez que ainda luta por pautas da onda feminista anterior. A crítica feminista aqui possui uma raiz nos estudos pós-modernos, que abarcam o pós-estruturalismo e pós-colonialismo, e passam a compreender que as mulheres são diversas, tais quais os feminismos. Os chamados Estudos Culturais e de Gênero passam a ser o pano de fundo dos estudos feministas e as mais variadas mulheres são abraçadas na causa. O conceito de interseccionalidade é explorado por entender que o entrelaçamento das mais diversas formas de opressões por vetores sociais distintos (tais como gênero, raça, etnia, classe social, etc.) são acumuladores de desigualdade. Pensadoras como Judith Butler e sua teoria queer reivindicam um sistema não-binário.

A crítica feminista latino-americana está baseada especialmente nos estudos pós-coloniais, na intenção de compreender as relações de poder desembarcadas com o colonizador europeu em terras americanas, como o processo de colonização produziu cicatrizes profundas no funcionamento da nossa sociedade e como ela consegue se perpetuar nos dias atuais. Utilizando as teorias da colonialidade, é possível criar um vínculo a mais de opressão sobre a escrita produzida por mulheres latino-americanas.

Na contemporaneidade, a crítica literária feminista tem pensado a respeito da exclusão das mulheres dentro do cânone; as reformas que devem ser estabelecidas para que a escrita de mulheres seja incluída nele ou ainda se é possível a criação de um cânone alternativo; bem como tem tentado construir uma tradição literária feminista, desvelando a escrita feita por mulheres nos mais variados períodos históricos da humanidade e encorajando, cada vez mais, a continuidade da feitura artística de mulheres ou *sujeitas* que se reconheçam como do gênero feminino. É também trabalho da crítica literária feminista o estudo sobre obras que contenham narrativas com personagens femininas, ou não, portanto que estejam entranhadas em histórias que problematizem o sistema patriarcal como todo, tenham elas caráter ficcional, biográfico ou epistolar.

Nesta perspectiva, *Outros Cantos* é um romance ficcional fértil para o campo da crítica feminista, já que conta a história de uma personagem-narradora mulher, que subverte o governo ditatorial de seu país na intenção de construir, através da educação popular rural, um levante contra os desmandos do governo, encontrando também novos aprendizados relacionados à prática da vida sertaneja e pobre.

A análise feita ancorou-se principalmente nas teorias feministas modernas e contemporâneas, entrelaçando o que tem sido pesquisado pelas críticas literárias e filosofas feministas da metade do século XX ao século XXI.

Outros cantos, uma narrativa feminista

Outros Cantos é um romance ficcional que usa, por meio da narrativa em primeira pessoa, a memória como estrutura textual. A memória a que somos convidadas a conhecer é a da personagem Maria, uma senhora septuagenária que inicia a obra contando que se encontra em um ônibus para viajar ao sertão nordestino brasileiro a convite de um sindicato de trabalhadores rurais para uma palestra onde deveria “ajudá-los numa reflexão crítica sobre o pensamento dominante e a influência da mídia televisiva” para poderem “lutar por uma proposta educacional adequada a realidade sertaneja” (REZENDE, 2014, p.73). Enquanto cruza esse sertão contemporâneo, durante o ano de 2014, Maria vai lembrando de alguns outros sertões em que já esteve. Sertões espalhados pelo mundo afora, como o deserto do Saara argelino e o Zacateca mexicano, mas é principalmente no sertão de Olho D’Água, no nordeste brasileiro, que Maria concentra suas lembranças, passando a narrar a sua passagem neste vilarejo 40 anos antes. A narrativa segue toda assim, num ir e vir, entre seu passado em Olho D’Água e suas impressões e reflexões dentro do ônibus em que está no tempo presente.

Maria chegou a Olho D’Água quando tinha trinta anos, no que seria referente aos idos anos 70. Ela chega ao vilarejo com o intuito de dar aulas de alfabetização para adultos, enviada pelo Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização), projeto criado pelo governo militar brasileiro. O Mobral foi criado em consideração a algumas metas de grande importância para a população adulta que era analfabeta na época. Porém,

Com a consolidação do Mobral, muitas foram as críticas realizadas à suas propostas por educadores como Anísio Teixeira, Lourenço Filho e Célia da Rocha Reufels (NISKIER *apud* BEUZO; TONIOSSO, 2015, p. 201). Os educadores criticavam os métodos de alfabetização utilizados, dizendo que os mesmos, produziam males; que os alunos voltariam a ser analfabetos e que o governo não queria educar nenhum indivíduo. (BELUZO; TONIOSSO, 2015, p. 201).

Maria logo é recepcionada com muita empolgação pelos residentes do lugar que, segundo o que descreve, pareciam não ter recebido nenhuma outra forasteira há tempos. Apesar da promessa do governo de que começaria logo a dar aulas e receber as apostilas e materiais do projeto, a visita de um representante político, para que pudesse dar início às atividades escolares, se estende durante um grande período, sem nenhum sinal de quando chegaria.

Enquanto espera para poder iniciar suas aulas, a professora, vinda do Sudeste, decide trabalhar como qualquer outro morador de Olho D'Água para conseguir prover seu sustento até que alguma folha de pagamento vinda do governo lhe chegue às mãos. A atividade principal, que parece girar o sistema econômico inteiro do vilarejo, é a tecelagem manual de redes, que se inicia desde o tingimento do fio de algodão cru até a dança com o aparelho de tear para dar forma às redes. O trabalho se mostra pesado e sem quase nenhum retorno financeiro, só mesmo o suficiente para que os moradores de Olho D'Água sobrevivam durante o ano. A pintura do algodão cru é destinada aos homens, enquanto o trabalho de tear, às mulheres. Apesar disso, Maria decide trabalhar na parte de tingimento, onde só uma outra mulher trabalhava junto aos homens, Fátima, que viria a ser a sua mãe-amiga naquele lugar.

Mexer, sem parar, o fio e a tinta borbulhante, retirar com longas varas as meadas coloridas, fumegantes, e pô-las a secar sobre uma sucessão de cavaletes rústicos, desenlear o fio, já seco, e enrolá-lo em grandes bolas para depois urdir os liços, entremeando as cores em longas listras, transformar o povoado naquele espantoso arco-íris desconstruído, *era trabalho de macho*. (...) Em uma semana estava pronta a urdidura para transformar o fio bruto nas redes que me haviam embalado a infância e cuja doçura em nada denunciava o esforço sobre-humano e a dor que custavam. (REZENDE, 2014, p. 20 – grifo nosso).

Maria passa meses trabalhando no tingimento do algodão cru com Fátima e outros homens, esperando a chegada do seu contrato de professora para iniciar suas aulas, e vai criando laços de amizade com aqueles habitantes que seguem a recepcionando cada vez com mais carinho ao passar dos dias. Ela, então, começa a tomar conhecimento das tradições e histórias dos moradores do vilarejo, fica sabendo sobre o ofício de tecelagem e de como esse serviço pertencia a um só proprietário, chamado por todos do lugar de “Dono”, e estreitando o vínculo afetivo com todos, especialmente com sua companheira de trabalho Fátima, mulher com filhos e marido

ausente, o que a fez lançar-se no trabalho mais pesado da tecelagem, de onde pode prover o sustento dos seus.

Encontrei ofício e família naquele canto escondido. Podia ficar preenchida de estranha euforia, e, subitamente livre de uma espécie de cegueira frente ao desconhecido, comecei a ver cada um, cada coisa, cada movimento na sua unidade e seu sentido. Pelas mãos de Fátima cheguei ali de verdade. (REZENDE, 2014, p. 24).

Mesmo diante da missão de ser ela a que levaria um pouco de ensino para aquele lugar distante, onde ninguém sabia ler e sequer conhecia materiais escolares, Maria percebe o quanto ela também tinha a aprender naquele lugar, um aprendizado de vida prática e de realidade dura, mais dura do que já supunha dentro de sua ideologia.

Aprendia eu, cada dia, muito mais e indispensáveis saberes para a teimosa vida nos mais hostis cantos do mundo do que as letras que eu viera trazer-lhes, úteis apenas em mínimas ilhas de privilégio desigualmente espalhadas pelo globo terrestre. (REZENDE, 2014, p. 28).

É com o desenrolar da narrativa que a autora nos vai dando pistas de que, na verdade, Maria não compactuava com o projeto de educação do Mobral, e é já mais perto do final do romance que nos fica claro que ela é uma militante massista enviada a Olho D'Água por algum movimento de oposição ao governo ditatorial. Sua subversão é realizada não só através de sua estratégia ideológica para libertação intelectual dos injustiçados, como também pelos próprios métodos que pretende utilizar no momento de suas aulas, um método freiriano de educação, que havia sido substituído por um mais ligado às normas cultas da língua portuguesa pelo Mobral.⁵

Continuei, agora mais forte e decidida, a buscar caminhos por ali mesmo. Arriscava-me pelo mato cada vez mais longe, com meu bloco de desenho e alguns lápis de cor para identificar e registrar as diferentes espécies de plantas, cujos nomes imaginava utilizar na alfabetização. (REZENDE, 2014, p. 130)

⁵ “O regime autoritário, além das intervenções nas escolas e universidades, prendendo, deportando e aterrorizando professores e intelectuais, interrompeu os percursos da Escola Nova e da pedagogia implantada pelo Sistema Paulo Freire, por exemplo, com a instauração da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº 5.692/71, fazendo do tecnicismo o novo pilar da educação no Brasil.” (FREDERICO, 2017, p. 17).

No trecho citado temos conhecimento do método utilizado por Maria para alfabetizar os seus alunos, trabalhadoras e trabalhadores adultos, através dos ensinamentos de Paulo Freire, que desenvolveu um método que utilizava palavras tiradas do cotidiano dos alunos; por isso, vai anotar os nomes relativos à flora local.

Uma mulher subversiva, uma dupla subversão

No estudo de uma personagem, o seu contexto externo importa para que sejam avaliadas todas as questões extrínsecas e intrínsecas à obra. Antônio Candido (2008, p. 14) nos lembra que “o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno”. Essa perspectiva é imprescindível também para os estudos de gênero em obras ficcionais, uma vez que a influência do entorno cultural é diretamente relevante para a narrativa.

Na crítica feminista, o contexto social, cultural e histórico a que a mulher é entrelaçada na narrativa surge como pano de fundo para o entendimento de sua condição enquanto *sujeita* perante uma sociedade patriarcal. Holanda (1994, p. 14) nos lembra que “as noções de ‘linguagem feminina’ ou mesmo de ‘identidade feminina’, enquanto construções sociais, exige a avaliação das condições particulares e dos contextos sociais e históricos em que foram estruturadas”.

A narradora-personagem, ao ir revelando sua verdadeira missão em Olho d'Água pelo desenvolvimento de sua memória, vai abrindo o caminho de um entendimento muito mais abrangente e complexo sobre a sua vida e sua subversão. O contexto a que Maria é lançada dentro da história nos abre um olhar de coragem sobre a personagem, afinal, ela é uma mulher de 30 anos, que vai sozinha a uma cidade no interior do sertão nordestino, durante a ditadura militar brasileira, nos anos 70, com a intenção de, através da educação, implantar a ideia de revolução nos sertanejos e quem sabe conseguir realizar um levante popular naquele local. Ao que parece, sua entrada primeira no cotidiano de Olho D'Água seria acompanhada, mais à frente, de alguns companheiros que deveriam chegar em dado momento.

Por mais que buscasse, não encontrava outro caminho digno e honesto para os companheiros, conhecidos ou desconhecidos, com quem me tinha comprometido. Devia desenrolar-me sozinha, incomunicável pelo tempo que fosse necessário, para não despertar suspeitas, até criar as

condições para a vinda dos outros. Assim tinha sido planejado, e eu, *corajosa* ou insensatamente, havia aceitado a missão (REZENDE, 2014, p. 105 – grifo nosso).

Sua bravura, bem como seus ideais perante a opção de escolher a militância de caráter massista e descentralizadora, fica ainda mais clara no trecho adiante:

Saberia, sim, abrir uma frente de inserção, preparar pacientemente a vinda dos demais para fermentar, por longo tempo, a consciência, a organização, a longa luta, verdadeiramente popular, de baixo para cima, alastrando-se pouco a pouco por todo o país e o continente, contra todas as formas de opressão. Os que acreditaram nas armas como estopim para que o povo levantasse e se libertasse iam sendo dolorosamente dizimados. (REZENDE, 2014, p. 105).

Como apontado anteriormente, Simone de Beauvoir revelou, através do estudo da história feminina, que a mulher sempre foi destinada ao ambiente privado, e por este motivo, enfraquecida perante as decisões e atividades concernentes ao público, desde muito cedo.

A maior maldição que pesa sobre a mulher é estar excluída das expedições guerreiras. Não é dando vida, é arriscando-a que o homem se ergue acima do animal; eis por que, na humanidade, a superioridade é outorgada não ao sexo que engendra e sim ao que mata. (BEAUVOIR, 1949, p. 84).

O fato de Maria sair do lugar simbólico que foi designado a ela como mulher perante uma sociedade patriarcal, coloca-a em posição de subversão. Somado a isso, a personagem também comete uma segunda subversão ao enfrentar os desmandos autoritários do regime ditatorial em vigor na época em que vive, o que pode configurar o que, nesse artigo, chamamos de *dupla subversão*.

Ela subverte seu papel simbólico como mulher ao agir ativamente no ambiente público, deixando o ambiente familiar e doméstico a que foi destinada, e também desobedecendo as ordens do governo ditatorial, arriscando-se a partir, sozinha, na estrada dos que desejam mudar o mundo, pela luta que tanto acredita. Nesse movimento de sair do trilho a que a cultura e a sociedade a colocou, ela forma sua identidade enquanto *sujeita* militante, enquanto mulher militante.

A respeito da militância feminina na época da ditadura militar brasileira, Colling nos lembra que:

A mulher militante política nos partidos de oposição à ditadura militar cometia dois pecados aos olhos da repressão: de se insurgir contra a política golpista, fazendo-lhe oposição e de desconsiderar o lugar destinado a mulher, rompendo os padrões estabelecidos para os dois sexos. A repressão caracteriza a mulher militante como Puta Comunista. Ambas categorias desviantes dos padrões estabelecidos pela sociedade, que enclausura a mulher no mundo privado e doméstico. (COLLING, 2004, p. 175).

Ao final do romance, Maria acorda durante uma noite escutando sussurros nas casas ao lado que apontavam a presença de militares chegando pelas bandas de Olho D'Água em busca de subversores, por isso decide deixar o vilarejo às pressas, fugida, mas antes tendo uma revelação: os moradores daquele lugar onde esteve por breve período sabiam, ou, ao menos, tinham alguma noção, de quem ela realmente era. O que demonstra uma coação com sua atitude subversora, ou talvez até um desejo de mudança, daquele povo que, no início, sequer acreditavam que o aprendizado da leitura poderia mudar a sua realidade. De um certo jeito, Maria os despertou para um mundo novo mesmo sem conseguir cumprir por completo a sua missão.

Nem houve tempo para que a dúvida, a dor e o medo me dominassem, já batiam a minha porta e eu sabia o que diriam. 'Maria, corra, junte suas coisas. O caminhão das redes sai as quatro, corra, pelo amor de Deus.' Eles sabiam, sem saber, muito mais sobre mim do que eu imaginava. (REZENDE, 2014, p. 145).

A construção da personagem Maria, feita por Maria Valéria Rezende, consegue extrair uma multiplicidade de pensamentos e atitudes referentes à personalidade e desafios enfrentados por uma mulher militante dentro de um contexto de regime ditatorial, e enriquece o debate a respeito de gênero, feminismo e ideologia política pelo viés do pensamento feminista. Portanto, é possível afirmar que Maria é essa mulher subversiva, duplamente subversiva, que pode ocupar o espaço, simbólico ou físico, que desejar e contribuir para a problematização e enfrentamento do sistema patriarcal, almejando sua ruptura.

Últimas considerações

Através da narrativa de *Outros Cantos*, de Maria Valéria Rezende, podemos encontrar um caminho possível para o debate a respeito da atuação da mulher militante durante a ditadura civil-militar acontecida no Brasil entre as décadas de 1960 a 1980. Na personagem Maria, podemos perceber as atividades da militância descentralizada e massista de algumas das ativistas e dos ativistas que investiram tática, tempo e planejamento para a derrocada do governo ditatorial, bem como das injustiças perpetradas pelo sistema capitalista. É importante notar as táticas diferenciadas desse grupo militante, que acreditava na educação como a principal arma para a mudança social desejada.

No caso de Maria, como vimos durante o desenvolvimento deste artigo, a sua vivência durante sua militância é a que configuramos como *dupla subversão*: uma vez que estando no lugar social de mulher, sua atividade política é vista como um desrespeito ainda maior para os mantenedores do estado de coisas, perpetrado pelos ditadores.

A narrativa, que é transpassada por memórias, traz uma grande colaboração para os estudos feministas, já que a escrita de mulheres, historicamente, está ligada ao registro de memórias, diários e escritas de si. Ao juntarmos todos os elementos presentes na obra de Rezende, podemos notar o enriquecimento que ela traz para a literatura brasileira de autoria feminina, apontando um futuro mais possível para a memória política feminina, seja ela ficcional ou não.

Referências

- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BELUZO, M. F.; TONIOSSO, J. P. O Mobral e a alfabetização de adultos: considerações históricas. *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*, Bebedouro-SP, 2015, p. 196-209.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos da teoria e história literária*. 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2008.
- CIXOUS, Hélène. *Le Rire de La Méduse et Autres Ironies*. Paris: Galilée, 2010. p. 7-68.
- COLLING, Ana Maria. As mulheres e a ditadura militar no Brasil. *História em Revista*. Pelotas, v. 10, p. 169-178, 2004.
- CONCEIÇÃO, Gilmar Henrique da. *Partidos políticos e educação: a extrema-esquerda brasileira e a concepção de partido como agente educativo*. 241f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 1999. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/253214>>. Acesso em: 18 nov. 2019.

FREDERICO, Grazielle. *Ausências e silenciamentos: a ética nas narrativas recentes sobre a ditadura brasileira*. 106f. Dissertação (mestrado) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Brasília, DF, 2017. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/24186/1/2017_GrazielleMeireFrederico.pdf.

Acesso em: 14 abr. 2020.

FUSS, Diana. O 'risco' da essência. In: Izabel Brandão (Org.) *Traduções da Cultura: Perspectivas Críticas Feministas (1970-2010)*. Florianópolis: EDUFAL; Editora da UFSC, 2017. p. 362-397.

GILBERT, Sandra; GUBAR, Susan. Infecção na sentença: a escritora e a ansiedade de autoria. Trad. Cintia Schwantes e Eliane Campello. In: BRANDÃO, Izabel et al (Orgs.). *Traduções da Cultura: perspectivas críticas feministas (1970-2010)*. Florianópolis:EDUFAL, Editora da UFSC, 2017. p. 188-210.

GOLUBOV, Nattie. *La crítica literaria feminista – Una introducción práctica*. Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Nacional Autónoma de México, Coyoacán, México, 2012.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Feminismo em tempos pós-modernos. In: _____. (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 7-19.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. O estranho horizonte da crítica feminista no Brasil. In: SUSSEKIND, Flora; DIAS, Tânia; AZEVEDO, Carlito (Orgs.). *Vozes femininas: gênero, mediações e práticas de escrita*. Rio de Janeiro: 7 Letras/ Fundação Casa Rui Barbosa, 2003. p. 15-25.

REZENDE, Maria Valéria. *Outros Cantos*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. *Crítica feminista: Uma contribuição para a história da literatura*. PPGLET – UCS. Universidade de Caxias do Sul. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/18.pdf>.

Acesso em: 09 jul. 2019.

Recebido em: 20/12/2020

Aceito em: 10/06/2021